



REVISTA DISCENTES

A REVISTA DO ENSINO MÉDIO DO ESTADO DO CEARÁ

EDITORIAL

2018

UM NÚMERO ESTATÍSTICO, UM ALUNO OU SER HUMANO? O QUE AQUELA PESSOA SENTADA NUMA SALA DE AULA É, PARA VOCÊ?

POR RODRIGO NÓBREGA MARTINS



Capa da presente edição.

“Professor, nos últimos dois anos eu perdi cinco parentes. Meu pai está preso por ‘fumar droga’. Minha mãe me abandonou, não que saber de mim. Ela é doida, não regula bem da cabeça. Meu avô morreu. Era ele que vinha à escola quando precisava. Eu moro com minha vó. Além do meu avô, que morreu do coração, mataram quatro tios meus, que eles mexiam com coisa errada”.

O relato acima foi-me feito por um professor. “Como o estudante não se desenvolvia nas minhas aulas eu o chamei a uma conversa”, disse-me o professor. Trata-se de um aluno do turno matutino de uma escola pública do estado do Ceará.

Infelizmente, casos assim, similares em maior ou menor grau não são poucos. Dum ou doutro modo, todo professor tem em sua memória vários casos pelos

quais passou, casos que conheceu de estudantes que apresentavam desestruturas profundas em suas vidas.

Maciçamente, trata-se de uma desestrutura familiar, marcada pelo desamor, pela desatenção, pela falta de respeito, pela falta de afeto, enfim, pela violência em muitos sentidos.

Essa desestrutura familiar leva a uma desestrutura emocional, afetando a vida do indivíduo em vários campos, inclusive o escolar.

Tantas e tantas vezes, em muitos casos, o professor se vê numa situação de impotência em face desse quadro que não está em sua alçada nem no seu alcance, mas que influencia diretamente no desempenho escolar do estudante.

Se me perguntassem o que fazer, eu, responderia, honestamente que não sei. Tantos são os casos, tantas são as situações, que prescrever qualquer coisa, de qualquer forma, dum ou doutro modo, seria tão tolo quanto pretensioso.

Primeiro porque para casos tão diversos, não há uma receita única. Segundamente, não é nossa intenção dar receitas prontas, roteiros pré-estabelecidos ou mesmo tentar dizer a professores experientes o que fazer em sala de aula. Seria, no mínimo, desrespeitoso.

Mas se há algo com o qual todos concordamos (assim supomos), é o fato de que o trabalho que desenvolvemos, acordante à nossa própria natureza, não é perfeito e, desta forma, sempre podemos melhorar.

E este melhoramento depende de cada um, individualmente. Então convida-

mos você, professor, professora, à autocrítica, não no sentido vão que esta palavra assume nos discursos demagógicos, mas nas linhas da verdade e da honestidade que cada um tem ou pode ter consigo mesmo. Mesmo porque, é fato que a autocrítica honesta sempre resulta em melhoramento.

Onde posso melhorar? O que posso fazer em mim, como também em meu ambiente de trabalho, de modo a contemplar o amigo estudante de um modo mais abrangente?

Assim nos questionamos, porque entendemos que mais do que conteúdos, em sala podemos cultivar valores que são fundamentais à manutenção da harmonia na vida humana. Por exemplo, a compreensão da própria vida, a aceitação e a valorização da própria história, o cultivo do respeito a si, como base para o respeito a tudo e a todos. O sentimento de pertinência, o resgate do amor próprio, da autoestima.

Com o devido respeito aos especialistas no assunto, sem a intenção antiética de desempenhar o que não é da alçada docente, entendemos que podemos auxiliar se tivermos uma postura mais humana, mais cordial, mas reflexiva, sem abrir mão do rigor metodológico que o estudo requer, como nos aponta Paulo Freire, afinal, não perdemos de vista a contribuição à formação conteudística de nossos amigos estudantes.

Se assim postulamos, não é por outra razão senão por estarmos certos de que não há nada que o respeito e o carinho genuínos não resolvam ou não possam

Professor, nos últimos dois anos eu perdi cinco parentes. Meu pai está preso por ‘fumar droga’. Minha mãe me abandonou, não que saber de mim. Ela é doida, não regula bem da cabeça. Meu avô morreu. Era ele que vinha à escola quando precisava. Eu moro com minha vó. Além do meu avô, que morreu do coração, mataram quatro tios meus, que eles mexiam com coisa errada”.

amenizar em grande monta. Como amigos em cultivo, será que entendemos que só saberá respeitar aquele que receber respeito? Que só saberá compreender aquele que receber compreensão?

Nesse sentido, será que nas nossas atividades docentes, entendemos que o outro é minha extensão; que o que faço a ele, estou, inexoravelmente, fazendo a mim mesmo e que não há distorção nesta prática?

Que possamos juntos refletir e comungar para que conheçamos sendas mais suaves nestes caminhos da educação básica.

Por isso trabalhamos. Todos os dias. Muito obrigado a todos. Boa leitura. Os editores.